

# SURRENDER

A black and white close-up portrait of Bono, looking directly at the camera with a serious expression. The lighting is dramatic, highlighting his facial features against a dark background.

*40 canções, uma história*

G

**BONO**

*Para Ali*

I hear the ancient footsteps like the motion of the sea  
Sometimes I turn, there's someone there, at times it's only me.

— Bob Dylan, «Every Grain of Sand»

# ÍNDICE

## PRIMEIRA PARTE

1	Lights of Home	3
2	Out of Control	11
3	Iris (Hold Me Close)	17
4	Cedarwood Road	31
5	Stories for Boys	43
6	Song for Someone	55
7	I Will Follow	69
8	11 O'Clock Tick Tock	83
9	Invisible	109
10	October	137
11	Two Hearts Beat as One	151
12	Sunday Bloody Sunday	165
13	Bad	183
14	Bullet the Blue Sky	195
15	Where the Streets Have No Name	205
16	With or Without You	215
17	Desire	227

## SEGUNDA PARTE

18	Who's Gonna Ride Your Wild Horses	237
19	Until the End of the World	249

ÍNDICE

20	One	263
21	The Fly	277
22	Even Better Than the Real Thing	295
23	Mysterious Ways	303
24	Stuck in a Moment	315
25	Wake Up Dead Man	327
26	The Showman	343
27	Pride (In the Name of Love)	363

TERCEIRA PARTE

28	Beautiful Day	385
29	Crumbs from Your Table	401
30	Miracle Drug	415
31	Vertigo	443
32	Ordinary Love	457
33	City of Blinding Lights	475
34	Get Out of Your Own Way	487
35	Every Breaking Wave	505
36	I Still Haven't Found What I'm Looking For	521
37	Love Is Bigger Than Anything in Its Way	539
38	Moment of Surrender	553
39	Landlady	569
40	Breathe	573

# PRIMEIRA PARTE

Não posso mudar o mundo  
mas posso mudar o mundo em mim.

— SFX Theatre, Dublin, dezembro de 1982

a bicuspid view of the world  
starts way before



I am told I have  
an eccentric heart.....

## Lights of Home

*I shouldn't be here 'cause I should be dead  
I can see the lights in front of me  
I believe my best days are ahead  
I can see the lights in front of me.*

Nasci com um coração excêntrico. Numa das câmaras do meu coração, onde a maioria das pessoas tem três válvulas, eu tenho duas. Duas portas giratórias que, no Natal de 2016, estiveram quase a sair dos eixos. A aorta é a principal artéria do corpo, a corda de salvamento, que transporta o sangue oxigenado pelos pulmões e se torna a nossa vida. Contudo, descobrimos que a minha aorta esforçou-se muito ao longo do tempo e desenvolveu uma bolha. Uma bolha que está prestes a rebentar e que pode enviar-me para o além mais depressa do que o tempo que demora a fazer uma chamada de emergência. Mais depressa do que consigo dizer adeus a esta vida.

Portanto, cá estou eu. Hospital Mount Sinai. Cidade de Nova Iorque.

A olhar para mim, lá em baixo, com as luzes dos candeeiros de observação a refletirem no aço inoxidável. A luz parece-me mais dura do que o módulo de aço em que me encontro deitado. O meu corpo parece separado de mim. É carne tenra e osso rijo.

Não é um sonho ou uma visão, mas sinto-me como se estivesse a ser cortado ao meio por um mágico. O coração excêntrico foi congelado.

É necessário proceder a algumas remodelações, além de todo este sangue quente que esguicha para todo o lado e suja tudo — que é o que o sangue tende a fazer quando não está a manter-nos vivos.



Sangue e ar.

Sangue e entranhas.

Sangue e cérebro é o que é preciso neste momento para poder continuar a cantar a minha vida e a vivê-la. Sangue meu.

O cérebro e as mãos do mágico que está de pé, debruçado sobre mim, e que pode transformar um dia muito mau num dia muito bom com a estratégia e a execução certas.

Nervos de aço e lâminas de aço.

Agora o homem aproxima-se do meu peito, manejando a lâmina com o poder da ciência combinado com o do açougue. As forças necessárias para quebrar e invadir o coração de alguém. A magia que é a medicina.

Sei que o dia não me irá parecer bom quando acordar depois destas oito horas de cirurgia, mas também sei que acordar é melhor do que a alternativa.

Mesmo que não consiga respirar e sinta como se estivesse a sufocar. Mesmo que busque desesperadamente ar para respirar e não o consiga encontrar.

Mesmo que esteja a alucinar, porque neste momento estou a ter visões e tudo começa a parecer-me digno de William Blake.

Tenho tanto frio. Preciso de estar ao teu lado, preciso do teu calor, preciso do teu encanto. Estou vestido com roupa de inverno. Mesmo deitado com umas botas grossas calçadas, parece-me que vou morrer congelado.

Estou a sonhar.

Estou numa cena de um filme qualquer no qual a vida se esvai do corpo do protagonista. Nos derradeiros momentos, sente-se envergonhado e pergunta ao seu grande amor:

— Porque vais embora? Não me deixes!

— Eu estou aqui — lembra-lhe a amada. — Nunca saí daqui.

— O quê? Não és tu quem se vai embora? Sou eu que estou a ir? Porque estou a ir embora? Não quero deixar-te. Por favor, não me deixes ir.

O sucesso tem alguns segredos obscuros e acordei agora para eles. E deles.

O sucesso como resultado da disfunção, uma desculpa para as tendências obsessivo-compulsivas.

O sucesso como recompensa pelo trabalho muito, muito árduo, que pode encobrir algum tipo de neurose.

O sucesso devia vir com um aviso à saúde — para quem é viciado no trabalho e para os que o rodeiam.

O sucesso pode ser impulsionado por uma vantagem ou circunstância injusta. Se não for privilégio, então um dom, um talento ou outra forma de riqueza herdada.

Mas o trabalho árduo também se esconde por detrás de algumas destas portas.

Sempre pensei que o meu era o dom de descobrir a melhor melodia não apenas na música mas também na política, no comércio e no mundo das ideias em geral.

Onde os outros ouviam a harmonia ou contraponto, eu era melhor a encontrar o tema na sala, o gancho, o pensamento exato. Provavelmente porque tinha de o cantar ou vender.

Mas agora compreendo que a minha vantagem era algo mais prosaico, mais básico. A minha vantagem era genética, o dom... do ar.

Sim, isso mesmo.

O ar.

— O seu marido tem muito fogo naquele peito de guerreiro.

É o homem que me serrou o esterno quem o diz à minha mulher, Ali, depois da operação.

— Precisámos de fio extraforte para o suturar. Provavelmente tem 130% da capacidade pulmonar normal para a idade dele.

Não usa a palavra «aberração», mas Ali conta-me que começou a pensar em mim como o Homem da Atlântida, daquela série de ficção científica da década de 1970 sobre um detetive anfíbio.

David Adams, o homem a quem devo a vida, o mágico-cirurgião, fala com um sotaque sulista, pelo que, no meu exacerbado estado blakeano, começo a confundir-lo com o vilão enlouquecido de *Massacre no Texas*. Ouço-o a falar com Ali acerca de tenores, que não são conhecidos por correrem pelo palco e conseguirem chegar às notas mais agudas.

— Não é suposto os tenores estarem em palco com as pernas afastadas, apoiando-se firmemente no chão, antes mesmo de ponderarem cantar um dó agudo?

— Sim — digo sem abrir a boca e antes que o efeito da medicação passe. — O tenor tem de transformar a cabeça numa caixa de som e o corpo num fole para conseguir partir estes vidros.

Já eu, há trinta anos que corro em arenas e estádios a cantar «Pride (In the Name of Love)» em lá ou si agudos, depende do ano.

Na década de 1980, o elegante compositor inglês Robert Palmer interrompeu Adam Clayton para lhe fazer um pedido: «Quando vais dizer

ao cantor da tua banda para cantar umas notas abaixo? Facilitar-lhe-ia a vida, a ele e a todos quantos têm de o ouvir.»

O ar é energia.

O ar é a confiança para aceitar grandes desafios ou enfrentar grandes adversários.

O ar não é a vontade de conquistar seja qual for o Evereste que nos aparecer na vida, mas a capacidade de suportar a escalada.

O ar é tudo o que precisamos em qualquer vertente norte.

O ar é o que dá a uma criança pequena que brinca no parque a convicção de que não será alvo de *bullying*, ou, se o for, que o agressor irá ficar sem ar.

E, pela primeira vez, aqui estou eu sem ele.

Numa sala de cuidados intensivos de um hospital, sem ar.

Sem respirar.

Os nomes que damos a Deus.

Respirar fundo.

Jeováááá.

Aláááá.

Yeshuáááá.

Sem ar... sem ar... sem uma ária.

Estou aterrorizado porque, pela primeira vez, procuro a minha fé e não consigo encontrá-la.

Sem ar.

Sem uma oração.

Sou um tenor que canta debaixo de água. Consigo sentir os meus pulmões a encherem-se de água. Estou a afogar-me.

Estou a alucinar. Tenho uma visão do meu pai numa cama de hospital e eu a dormir ao lado dele, num colchão no chão. Beaumont Hospital, Dublin, verão de 2001. A sua respiração é profunda mas começa a ficar cada vez mais superficial, tal como a cova que tem a meio do peito. Grita o meu nome, confundindo-me com o meu irmão, e vice-versa.

— Paul. Norman. Paul.

— Pai.

Ergo-me de um salto e chamo a enfermeira.

— Sente-se bem, Bob? — sussurra-lhe ela ao ouvido.

Estamos num mundo de sussurros percussivos, animados, um mundo de sibilância, agora a sua respiração de tenor transforma-se em respirações curtas e metálicas, um s após cada expiração.

— Ssssim sssss sss.

A doença de Parkinson roubou-lhe a sonoridade.

— Quero ir para casssssa quero sssssair daqui.

— Diz outra vez, pai.

Tal como a enfermeira, inclino-me para ele e aproximo o ouvido da sua boca.

Silêncio.

Seguido de outro silêncio.

Seguido de «VÃO-SE LIXAR!»

Há algo de perfeitamente imperfeito no modo como o meu pai deixou este mundo. Não acredito que me tenha dito, ou à enfermeira de vigília no turno da noite, para nos irmos lixar. Prefiro acreditar que estava a dirigir-se ao monstro que andou no seu encalço durante grande parte da sua vida.

Naqueles últimos dias disse-me que, quando aceitou os vários cancros que teve, perdeu a fé, mas também me disse que eu nunca devia perder a minha. Que era o mais interessante em mim.

Animado com isso, li-lhe o salmo 32 do rei David. Também David tinha problemas. O pai não estava com disposição para sermões e vi-o a revirar os olhos, provavelmente não para o céu.

*Enquanto guardei silêncio, o meu corpo definhava  
perante meu gemido de todos os dias,  
dia e noite, a tua mão pesava sobre mim;  
o meu vigor consumiu-se com o calor do verão.*

*Por isso, todo o fiel te invoca  
no tempo da angústia.  
E mesmo que transbordem as águas caudalosas,  
jamais o hão de atingir.  
Tu és o meu refúgio: livras-me da angústia  
e envolves-me em cânticos de libertação.*

Era para ele ou para mim?

O meu velho confessou a sua admiração pelo que lhe pareceu ser o meu «diálogo com o homem lá de cima».

— Eu sou mais de monólogos, mas pára com isso, está bem? Estou a tentar ter um pouco de sossego aqui.

Bem, não o consegui cá em baixo, mas quero acreditar que o encontrou lá em cima.

Onde é lá em cima? Em casa.

Não sei se sei o que isso é.

Despeço-me dele. Respiro fundo e vou em busca desse lugar.

Primavera de 2015.

Mais luzes brancas fluorescentes e frias. Aço e vidro.

Náusea.

Desta vez, não é uma situação de vida ou morte. Estou a olhar fixamente para o espelho da casa de banho contígua a um vestiário de um pavilhão de hóquei no gelo em Vancouver, no Canadá. É a primeira noite da digressão Inocence + Experience.

Nunca fui vaidoso quando era jovem. Até evitava olhar-me ao espelho. E, no entanto, eis-me aqui agora, nesta casa de banho com azulejos brancos, a olhar fixamente para o meu rosto, para ver se, com um olhar mais atento, fica mais atraente.

Conseguo ouvir o tropel da multidão através das paredes, que canta «Cars», de Gary Numan: «Here in my car / I feel the safest of all / I can lock all my doors / It's the only way to live / In cars.»

Estou no futuro com que sonhei quando, no final da década de 1970, ouvi esta música de sintetizador pela primeira vez. Custa-me a acreditar que agora, aos cinquenta e cinco anos, adotei voluntariamente o loiro oxigenado da época. Cor de asa de galinha, como mais tarde um crítico espanhol sugeriu. O barulho no pavilhão aumenta o meu entusiasmo. Regresso ao camarim, parecido com uma cápsula do tempo, e queixo-me por ser igualzinho ao que tínhamos na digressão anterior. Dizem-me que há vinte anos que é o mesmo. Juta verde, grinaldas de luzes, sofá de couro castanho-tabaco. Depois de tantos anos, porque é que preparar-me para ir para o palco e apresentar-me perante 18 474 grandes amigos ainda é tão enervante? É a noite de abertura da nossa digressão mundial, mas, como sempre, não estou só.

Larry tem uma espécie de aura angelical, o olhar de quem viu o outro lado. Penso que talvez a tenha, porque enterrou o pai no dia anterior. Adam parece o protagonista de um filme experimental. Imperturbável. Edge é tenso e intenso, mas consegue disfarçá-lo, ainda que mal.

Como é costume antes de cada espetáculo, rezamos.

Por vezes pode parecer que somos estranhos, rezando para encontrar a intimidade de uma banda que possa ser útil ao público esta noite. Útil? À música. Para algum propósito maior. De um modo estranhamente

familiar, mudamos. Começamos as nossas orações como colegas; terminamo-las como amigos que encontram uma imagem diferente de si, assim como do público que estamos prestes a conhecer, que irá mudar-nos de novo.

Que possamos ser úteis é um pedido estranho numa oração. Não é romântico. Talvez um pouco aborrecido, mas está no cerne de quem somos e da razão de ainda existirmos como banda. Homens que se conheceram ainda jovens. Homens que quebraram a promessa que é a essência do *rock 'n' roll*: podemos ter o mundo, mas, em troca, o mundo tem-nos a nós. Podemos ter o nosso complexo de messias, mas devemos morrer na cruz aos trinta e três anos, caso contrário as pessoas têm direito a pedir o seu dinheiro de volta. Recusámos fazê-lo. Até ao momento.

Somos homens que carregam algumas cicatrizes das várias lutas travadas com o mundo, mas cuja visão é demasiado clara tendo em conta as vicissitudes e o carácter surreal de uma vida de trinta e cinco anos passada a tocar em estádios.

Agora, através das paredes, ouço «People Have the Power», de Patti Smith, o sinal de que temos cinco minutos e dez segundos antes de o espetáculo começar, cinco minutos e dez segundos antes de descobrirmos se ainda temos aquilo que levou ali as pessoas, que não se reduz à nossa música ou à nossa amizade. O que temos para oferecer é a banda como um conjunto de química, uma reação química entre nós e o público. É isto que transforma uma boa banda numa grande banda.

O tropel da multidão aumenta à medida que descemos o corredor do camarim, um rugido que transforma este rato num leão. Caminho para o palco de punho erguido, enquanto me preparo para entrar na música. Nas páginas seguintes vou tentar explicar o que isto significa. Mas ao fim de quarenta anos sei que, se conseguir ficar por dentro das músicas, serão elas a cantar-me, e esta noite não vou trabalhar, apenas divertir-me.

Cerca de duzentas mil pessoas cantam o refrão de «The Miracle (Of Joey Ramone)» e, enquanto Edge, Larry e Adam se dirigem para a frente do palco, vou sozinho ao encontro das pessoas que estão no lado oposto do pavilhão. Ando pelo meio do público, por entre o barulho. Na minha cabeça tenho dezassete anos, estou a sair de casa, no lado norte de Dublin, e desço a Cedarwood Road a caminho dos ensaios com estes homens, há muitos anos, quando também eles eram jovens.

Saio de casa para ir para casa. E estou a cantar.

The miracle of Joey Ramone



## Out of Control

*Monday morning*  
*Eighteen years of dawning*  
*I said how long*  
*Said how long.*

Ando aos saltos pela sala do n.º 10 da Cedarwood Road ao som de «Glad to See You Go», do álbum *Leave Home* dos Ramones.

*You gotta go go go go goodbye*  
*Glad to see you go go go go goodbye*

Estamos em 1978, o dia do meu décimo oitavo aniversário.

Estas canções são tão simples e, no entanto, expressam uma complexidade que é muito mais relevante para a minha vida do que *Crime e Castigo* de Dostoiévski. Que acabei de ler. Que me levou três semanas e meia a ler. Este álbum demora apenas vinte e nove minutos e cinquenta e sete segundos a ouvir. As músicas são tão simples que até eu consigo tocá-las na guitarra. E eu não sei tocar guitarra.

Canções tão simples que até eu conseguiria escrever uma. Seria uma espécie de revolução pessoal, cujas reverberações poderiam ser sentidas no andar de cima, até no quarto vazio de Norman, o meu irmão mais velho. Ou, ainda mais importante, pelo corredor até à cozinha, onde o meu pai está sentado.

O meu pai, que quer falar comigo para eu arranjar um emprego. Um emprego!



Um emprego é algo que nos obriga a fazer algo de que na realidade não gostamos durante oito horas por dia, cinco ou seis dias por semana, a troco de dinheiro que nos permite fazer ao fim de semana aquilo que gostaríamos de fazer sempre.

Eu sei que gostaria de não trabalhar. Que, se pudesse fazer aquilo que amo, não teria de trabalhar um único dia na minha vida. Mas há um problema. Apesar de ser um adolescente cheio de borbulhas e arrogante, sei que isso é pouco provável se não for excelente em alguma coisa.

E eu não sou excelente em coisa nenhuma. Não sou excelente em nada.

Bem, sou bom a fazer imitações. O meu amigo Reggie Manuel diz que a razão por que fugiu com a namorada, Zandra, foi a minha imitação de Ian Paisley. Tenho muito jeito para encarnar a retórica belicosa do reverendo Ian Paisley, líder dos unionistas da Irlanda do Norte.

— NOY SRRNDRRR — arrotaria ele.

A minha imitação de Ian Paisley diverte tanto Zandra que digo para mim que está recetiva aos meus avanços, mas também sei que pode trocar-me pelo Keith não-sei-das-quantas porque não basta ser-se engraçado. Também é preciso ser-se inteligente, e eu tenho inteligência suficiente para saber que não sou inteligente. Suficiente.

Ainda não há muito tempo era bom aluno, mas ultimamente não consigo concentrar-me em nada a não ser nas raparigas e na música. Sou inteligente o suficiente para perceber a correlação.

Pinto muito bem, mas não tanto quanto o meu melhor amigo, Guggi. Consigo escrever prosa muito bem, mas não tão bem quanto o talentoso sabe-tudo Neil McCormick, que escreve para a revista da escola. Acalentei a ideia de ser jornalista, imaginei-me correspondente no estrangeiro, a fazer reportagens de zonas de guerra. Mas para ser jornalista é preciso ter boas notas nos exames, e estou a ter dificuldades com os exames. Sem ir às aulas, é difícil fazê-los.

De qualquer modo, há outra zona de guerra na qual estou envolvido. Na nossa rua, na minha casa, na minha cabeça.

Porquê ir até Tombuctu como correspondente de guerra quando tenho tanto material bom debaixo da cama? Os medos e os espectros debaixo da minha almofada são as razões pelas quais, por vezes, não me apetece sair da cama. Ainda não sei que o *rock 'n' roll* — em particular o *punk rock* — há de ser a minha libertação.

Que há de acabar com esta ocupação. Da minha cama.

No n.º 10 da Cedarwood Road temos um sofá castanho de pele sintética na sala de estar. E uma carpete de um laranja e preto, descolorida

pelo sol, rente às paredes e que nos abraça os pés descalços no inverno. Acabámos de instalar o aquecimento central, pelo que, pela primeira vez, o frio vai deixar de perseguir-nos todas as manhãs do quarto para a casa de banho.

Somos ricos.

Tão ricos que o meu pai conduz um *Avenger* vermelho-metalizado. Tão ricos que tivemos uma televisão a cores antes dos nossos amigos. Uma televisão a cores é uma coisa importante. Na nossa casa faz com que a vida real pareça menos real, e, na minha adolescência, a vida para mim, para o meu pai e para Norman muitas vezes precisa de parecer um pouco menos real.

Durante a década de 1970, a televisão a cores torna o verde dos campos de futebol de Old Trafford, Anfield ou Highbury muito mais verde no *Match of the Day* do que qualquer campo verde das traseiras do nosso bairro. As camisolas vermelhas de George Best e Charlie George flamejam. Já por Malcolm Macdonald, não faz grande coisa. Qual é o interesse de ser adepto do Newcastle United, com as suas listas monocromáticas, quando o preto e branco já passou à história?

O meu pai diz que a realeza também devia passar à história, mas concorda com a minha mãe que a rainha fica muito bem a cores. Todos os anos, a minha mãe e o meu pai discutem amistosamente sobre se nós, irlandeses, devemos interromper o almoço de Natal para assistir à mensagem de Natal de Sua Majestade-za na televisão às três da tarde. Parece que o mundo soçobra por fanfarra e desfile, pompa e circunstância reais. Mas a guerra é preto no branco, mesmo quando é transmitida a cores. Partes do nosso país estão em guerra com outras partes do nosso país. A nossa vizinha, a Grã-Bretanha, oprimiu-nos durante muito tempo e, agora que os temos no sítio, chegamos para eles. O sangue é carmim nas notícias. Cada vez são colocadas mais bandeiras nas nossas ruas para marcar no espaço público a história da separação entre a Irlanda e a Inglaterra, o que não nos impede de parar para ver a *Trooping the Colour* no aniversário da rainha. Tudo ganha vida na televisão a cores.

Mesmo tendo em conta o *punk rock* do Reino Unido, para um adolescente de Dublin a Inglaterra nunca será tão apelativa quanto a América. Os «cowboys» constituem toda uma nova galeria — John Wayne, Robert Redford, Paul Newman —, tal como os «índios», embora não sejam responsáveis pela sua conceção. A descrição dos Apache, dos Pawnee e dos Moicanos há de influenciar a aparência do *punk*. Depois

há os homens da lei urbanos, como Clint Eastwood, no papel de Dirty Harry, Peter Falk, como Columbo, ou Telly Savalas na série *Kojak*.

Contudo, a ficção fica muito aquém da vida real americana. Nada que se assemelhe ao deslumbrante programa espacial *Apollo*, a mais visionária das visões.

Esses americanos são tão loucos que pensam que podem mandar um homem para a lua, o tipo de louco de que nós, os irlandeses, gostamos. E não foi um membro da nossa família real, John Fitzgerald Kennedy, quem primeiro teve a ideia de colocar um homem na lua? É o que o meu pai diz.

Sendo adolescente na década de 1970 em Dublin, falo a sério acerca de transformar o mundo a preto e branco que existe para lá dos peitoris atafalhados de bibelôs da Cedarwood Road num mundo a cores como as que temos na nossa televisão *Murphy*. E se quero ver a vida de uma maneira diferente, também queria ouvi-la de outra forma. Passar da monotonia típica do desespero adolescente para os sons mais redondos e elaborados de outro objeto de arte que se encontra na nossa sala de estar.

A nossa aparelhagem.

Temos uma aparelhagem muito boa. Não é apenas o gira-discos que enche a casa com os sons das óperas do meu pai. É também o gravador de cassetes *Sony* que vai mudar o curso da minha vida. Os Ramones, The Clash e Patti Smith hão de dar um novo significado ao mundo lá fora, mas a mudança começou antes com The Who e Bob Dylan, e uma obsessão particular que desenvolvi por David Bowie que, de início, imaginei como parte de um duo. Pensava que *Hunky Dory* era o nome do outro elemento, e não o título do seu quarto álbum.

10 DE MAIO DE 1978

É um dia importante para um aprendiz de estrela do *rock* com um metro e setenta que diz ter um metro e setenta e cinco de altura. O facto de ser o dia em que completo dezoito anos é de somenos. A minha família não dá muita importância aos aniversários. É verdade que é excelente receber uma nota de cinco libras do meu pai, mas não é por isso que o dia de hoje é especial.

Este é o dia em que vou aprender a fazer uma fuga espetacular, como Houdini. Melhor do que qualquer truque de corda indiana, vou fazer a minha vida a preto e branco desaparecer e, depois, fazê-la reaparecer

a cores. Este é o dia em que vou escrever a minha primeira canção de *rock 'n' roll* propriamente dita e o primeiro single dos U2. Devo-o ao milagre que foi Joey Ramone. E os seus irmãos milagrosos. Mas sem Edge, Adam e Larry — os meus próprios irmãos milagrosos — nunca ninguém a teria ouvido.

*Monday morning  
Eighteen years of dawning  
I said how long  
Said how long.  
It was one dull morning  
I woke the world with bawling  
I was so sad  
They were so glad.  
I had the feeling it was out of control  
I was of the opinion it was out of control.*

Chamei-lhe «Out of Control»\* porque a canção revelou-me — e Fiódor Dostoiévski pode ter tido alguma culpa nisto — que nós, humanos, temos pouca ou nenhuma influência nos dois mais importantes momentos da nossa vida. O nascimento e a morte. Isso pareceu-me o pirete adequado que uma grande canção de *rock* deve fazer ao universo.

\* A canção foi lançada a 26 de setembro de 1979, como parte de um álbum intitulado *Three*, com outras duas canções — «Stories for Boys» e «Boy/Girl». A ordem das canções foi selecionada pelos ouvintes do programa de Dave Fanning na rádio RTÉ e Dave foi o primeiro DJ a tocar a nossa primeira canção. Desde então, Dave é a primeira pessoa a passar cada novo single nosso.

IRIS



## Iris (Hold Me Close)

*The star,  
that gives us light  
Has been gone a while  
But it's not an illusion  
The ache  
In my heart  
Is so much a part of who I am  
Something in your eyes  
Took a thousand years to get here  
Something in your eyes  
Took a thousand years, a thousand years.*

Imagine um homem de cinquenta e cinco anos a cantar para a mãe diante de vinte mil pessoas todas as noites.

*E não vêes aí nenhum problema?*

É difícil perder a mãe aos catorze anos e tudo o resto, mas talvez já o devesse ter superado. A sério.

Como vocalista dos U2, sou alvo de uma quantidade razoável de assédio. Justo ou injusto, faz parte do trabalho e, a maior parte das vezes, até gosto bastante. Não tem qualquer comparação com o tipo de merdas com que me recrimino, especialmente em palco, onde posso passar por todo o género de experiências psicadélicas e psicológicas. Há muita estática naquele palco e naquela multidão.

*Mas porquê?*

A pergunta acima? Um exemplo das mais absurdas acusações que me passam pela cabeça mesmo antes de começar a cantar «Iris». É como se tivesse um demónio pessoal a desinquietar-me, a semear a dúvida sempre que canto a canção. O diabinho vandaliza as paredes do meu amor-próprio com *graffiti* emocionais. Mas o diabinho sou eu, por que razão faço isto a mim próprio?

Alguém comparou rezar com estar em alto-mar dentro de um pequeno barco sem remos. Tudo o que há é uma corda, algures, lá longe, amarrada ao porto. Com essa corda podemos aproximar-nos de Deus.

As canções são as minhas orações.

#### CARACÓIS NEGROS E BELDADES DA IGREJA

Tenho poucas memórias da minha mãe, Iris. Tão-pouco o meu irmão, Norman. Isto explica-se pelo facto de, assim que morreu, nunca mais se ter falado nela lá em casa.

Temo que tenha sido pior do que isso. Raramente voltámos a pensar nela.

Éramos três machos irlandeses, e evitámos a dor que sabíamos que viria se pensássemos e falássemos nela.

Em 2014, no álbum *Songs of Innocence*, permiti-me olhar para o passado, levantar algumas pedras debaixo das quais sabia que havia vermes assustadores. Os fios de memória que tinha da minha mãe tentei entretecê-los na canção «Iris».

Iria cantar-me para ela.

Iria encontrá-la.

Três dias antes do lançamento do álbum, entrei em pânico. Deixei de gostar da ideia de a canção «Iris» ir para o éter dos lançamentos musicais, para o mundo, uma canção de um homem de cinquenta e quatro anos que chora pela falecida mãe. «Iris» pareceu-me, à última hora, tudo em demasia: demasiado sensível, demasiado ampla, demasiado exposta, demasiado para uma banda ter de sofrer por um cantor. Tratando-se, de início, de um lançamento apenas digital para quinhentos milhões de pessoas (esta é outra história, lá chegarei), tentei retirar a canção do álbum. Não era como se um milhão de CD ou álbuns de vinil fossem

lançados num aterro sanitário. Mas o digital também tem prazos, e eu falhei o meu. A Apple tinha descarregado o álbum para a sua miríade de sistemas virtuais, pelo que retirar a faixa seria fazer explodir o mundo.

Ou algo igualmente mau.

Olhei fixamente para a parede perguntando-me por que razão ainda estava tão cru, porque é que Iris ainda provocava dor passados tantos anos. Quantos anos ao certo? Estamos em 2014, passaram quarenta anos. E estamos em setembro — quarenta anos exatos.

A sério? Em que dia? Não consegui lembrar-me. Enviei uma mensagem ao meu irmão. Também não se lembrava. Ele ligou ao meu tio, mas o tio Jack também não se lembrava, embora soubesse que «Gags» Rankin — o meu avô — tinha sido enterrado a 9 de setembro porque foi a última vez que viu a irmã Iris.

O dia 9 de setembro foi o do lançamento do álbum. Sem que ninguém tivesse disso conhecimento, *Songs of Innocence* estava a chegar ao mundo na mesma data em que falei pela última vez com a minha mãe. O que significam estes casos? Coincidência? Como valorizo o mistério de cada rima cósmica, interpretei-os como uma espécie de conforto de que estava a fazer o mais acertado.

*Free yourself to be yourself  
If only you could see yourself.*

Estes versos tornaram-se o meu mantra — «Free yourself to be yourself» — e as memórias começaram a aparecer.

Iris a rir. O seu humor, negro como os seus caracóis. Rir nos momentos mais inoportunos era a sua fraqueza. O meu pai, Bob, que vivia no centro de Dublin, levou-a e à irmã, Ruth, ao *ballet*, e ficou constrangido com as suas gargalhadas abafadas ao ver os genitais protuberantes dos bailarinos por debaixo dos *collants*.

Lembro-me de, por volta dos seis ou sete anos, ser um rapazinho mal comportado.

Iris ia no meu encaço, agitando uma bengala que a sua amiga garantiu que me haveria de disciplinar. Temi pela vida enquanto Iris me perseguia pelo jardim. Mas quando ganhei coragem para olhar para trás, ela estava perdida de riso, não acreditava de todo naquela disciplina medieval nem na maldade do rapazinho.



Lembro-me de estar na cozinha, a observar Iris passar a ferro o uniforme da escola do meu irmão, e o zumbido ao longe do berbequim elétrico do meu pai no andar de cima, a fixar a estante que tinha feito.

De repente, o som da sua voz, a gritar. Um som que não era humano, um ruído animal.

— *Iris! Iris! Chama a ambulância!*

Corremos escadas acima e encontrámo-lo, ainda a segurar a ferramenta elétrica, tendo, aparentemente, perfurado a virilha. A broca deslizou e ele estava transido com medo de nunca mais conseguir ficar teso.

— Castrei-me! — gritava ele.

Eu também fiquei em estado de choque ao ver o meu pai, o gigante do n.º 10 da Cedarwood Road, caído como uma árvore. E ainda não compreendia o que aquilo queria dizer. Iris sabia o que significava, mas não era esse o olhar no seu rosto. Não, o olhar no seu rosto era o de uma mulher bonita a tentar conter o riso, e depois o de uma mulher bonita que não conseguia conter o riso que a dominava. Gargalhadas como as de uma rapariga audaz na igreja cujos esforços para não cometer sacrilégio apenas resultam numa explosão mais estrondosa quando, por fim, explode.

Ela pegou no telefone mas não conseguia marcar o 112; estava dobrada de tanto rir. O meu pai sobreviveu à ferida. O casamento deles sobreviveu ao acidente. As recordações chegaram a casa.

Iris era uma mulher prática. Muito do género faça-você-mesmo. Sabia mudar a ficha da chaleira elétrica e costurar; caramba, se sabia costurar! Foi costureira em *part-time* porque o meu pai não a deixou trabalhar como empregada de limpeza na Aer Lingus, como as suas amigas de Cedarwood Road.

Tiveram uma grande discussão, a única verdadeira briga de que me lembro. Eu estava no quarto a ouvir a minha mãe a crescer para ele, defendendo-se com «tu não mandas em mim». E, para ser justo, ele não mandou. A súplica teve sucesso onde a ordem falhou, e ela desistiu da oportunidade de ir trabalhar com as colegas no aeroporto de Dublin. Anos mais tarde, ao regressar a casa de uma digressão, era com o coração apertado que cumprimentava as suas grandes amigas Onagh e Winnie nas Chegadas. Iris tinha partido, mas às vezes conseguia vê-la ali, parada, ao lado das amigas.

MANHÃS DE DOMINGO PASSADAS NAS DUAS IGREJAS  
DE SAINT CANICE

*Hold me close, hold me close and don't let me go.  
Hold me close like I'm someone you might know  
Hold me close the darkness just lets us see  
Who we are  
I've got your light inside of me.*

Bob era católico; Iris protestante. O casamento deles escapara ao sectarismo irlandês da época. Mas, como Bob acreditava que a mãe é que devia decidir acerca da formação religiosa dos filhos, todos os domingos de manhã deixava-nos, a mim e ao meu irmão, que íamos com a mãe, à porta da igreja protestante de Saint Canice, em Finglas. Dali, o meu pai seguia até ao cimo da rua para assistir à missa católica. Na também chamada Igreja de Saint Canice.

Confuso? Pois!

As duas igrejas distavam uma da outra cerca de um quilómetro e meio, mas na Irlanda da década de 1960 era um longo caminho. Os «prods» da época tinham as melhores músicas, e os católicos o melhor equipamento de palco. Gavin Friday, o meu colega que vivia ao cimo da Cedarwood Road, costumava dizer: «O catolicismo romano é o *glam rock* da religião», com as suas velas e cores psicadélicas — o azul cardeal, o escarlate, o púrpura —, as bombas de fumo de incenso e o toque do pequeno sino. Os *prods* têm mais apetência para sinos grandes porque, explicava Gavin, «podem comprá-los!» Para uma parte substancial da população irlandesa, prosperidade e protestantismo andavam de mãos dadas. Possuir qualquer um deles era ter colaborado com o inimigo — ou seja, com a Grã-Bretanha. Este era o pensamento enviesado em 1960 e 1970. Na verdade, a Igreja da Irlanda tinha sido o berço dos insurgentes mais célebres do país, e no Sul a sua congregação era, a todos os níveis, modesta. Pessoas muito modestas e muito boas. Com efeito, a única coisa de que uma pessoa se podia queixar não era do fanatismo, antes da bondade dos outros. As festas nos seus jardins e bazares eram perigosamente agradáveis. A Igreja da Irlanda podia matar uma pessoa de gentileza!

O meu pai tinha muito respeito por essa comunidade da igreja com a qual casou, tanto que, depois de assistir ao culto no cimo da rua, regressava da sua Igreja de Saint Canice e esperava do lado de fora da nossa Saint Canice até que a mulher e os filhos saíssem e depois levava-nos para casa.

---

Iris e Bob cresceram no centro da cidade de Dublin, perto da Oxmantown Road, uma zona que os habitantes conhecem como Cowtown porque era ali que todas as quartas-feiras se realizava a feira agropecuária. Ao lado fica Phoenix Park, que, segundo os locais, era o maior parque no centro da cidade da Europa e onde Bob e Iris gostavam de passear e observar os veados que andavam à solta. Ao contrário da generalidade dos «dub», como eram conhecidos os habitantes do centro da cidade, Bob jogava críquete no parque, e a mãe, a avó Hewson, ouvia na BBC os resultados dos jogos internacionais da Inglaterra.

Na Irlanda, o críquete não era um desporto da classe operária. Se a isto acrescentarmos que o meu pai poupava dinheiro para comprar os discos das suas óperas favoritas, levava a esposa e a cunhada ao *ballet* — e que não deixou Iris tornar-se a «Sra. Esfregona», como lhe chamava, embora as suas amigas o fossem —, é possível concluir que havia em Bob uma certa arrogância. Os seus interesses escapavam à norma na rua onde vivia, disso não há dúvida. Na verdade, é possível que toda a família fosse diferente. O meu pai e o irmão, Leslie, nem sequer falavam com um forte sotaque de Dublin. Era como se falassem sempre como o faziam ao telefone.

O apelido da família do lado do meu pai, Hewson, também é invulgar, pois encontra-se tanto entre protestantes como católicos. Numa visita a um *pub* durante uma digressão pelo Reino Unido, certa vez vi um edital a anunciar a decapitação de Carlos I, no qual figurava um John Hewson entre os sete signatários. Um republicano? Bom. Um dos vários braços-direitos de Cromwell? Mau.

Em criança comecei a perceber que os Hewson eram mais intelectuais enquanto os Rankin eram mais físicos. Os Hewson pensavam demasiado. O meu pai, por exemplo, nunca ia visitar os irmãos, a menos que eles quisessem vê-lo. Tinha de ser convidado. A minha mãe — uma Rankin — dizia-lhe para passar lá e bater à porta. Era o que os seus familiares estavam sempre a fazer. Qual é o problema? Somos família. Os Rankin riem-se o dia inteiro e, se os Hewson não estiverem para isso, temos o mau feito para nos manter entretidos. Muito mau feito.

É possível que também tenha um pouco disso.

Há outra diferença. Os Rankin são propensos a desenvolver aneurismas cerebrais.

Das cinco irmãs Rankin, três morreram de aneurisma. Incluindo Iris.

## JESUS, IRIS E JOSÉ!

A minha mãe só me ouviu cantar em público uma vez. Desempenhava o papel do faraó no musical *José e o Deslumbrante Manto de Mil Cores*, de Andrew Lloyd Webber. O meu papel consistia em imitar Elvis, o que fiz. Vestido como Elvis, deixei descair o lábio inferior e a casa veio abaixo. Iris riu e riu e riu. Parecia surpreendida por eu conseguir cantar, por ter jeito para a música, o que é estranho porque dava dicas disso frequentes.

Ainda muito pequenino, assim que fiquei da altura do teclado, o piano hipnotizava-me. Havia um no átrio da nossa igreja, e todos os momentos que conseguia estar ali sozinho eram sagrados. Passava muito tempo a tentar descobrir o som de cada tecla ou o que acontecia se pisasse um dos pedais. Ainda não sabia o que era a ressonância; custava-me a acreditar que um gesto tão simples fosse o suficiente para transformar a nossa igreja numa catedral. Lembro-me de a minha mão encontrar uma nota e procurar outra para rimar com a primeira. E outra. Nasci com melodias dentro da cabeça, e procurava uma maneira de as ouvir no mundo.

Iris não estava à procura desse género de sinais, por isso não os viu.

Iris não era romântica; era pragmática. Uma mulher frugal que costumava a própria roupa. Quando a minha avó decidiu vender o piano, as minhas insinuações acerca de como ficaria bem na nossa casa foram tudo menos subtis.

— Não seas parvo, onde iríamos pô-lo?

O piano não foi lá para casa. Não havia espaço.

Iris teve uma segunda oportunidade para resolver a questão. Quando eu tinha onze anos, os meus pais mandaram-me para a escola básica da Catedral de Saint Patrick, no centro da cidade, conhecida pelo coro de rapazes. Na entrevista, o Sr. Horner, o diretor, perguntou-me se me interessava fazer parte do coro. O meu coração sobressaltou-se, mas o nervosismo de uma criança de onze anos que reclamava um talento que nunca tinha realmente assumido venceu-me. Iris, percebendo o meu constrangimento, respondeu por mim.

— De todo. O Paul não tem interesse em cantar.

Para uma criança tão obviamente comprometida com a música, o comportamento da minha mãe poderia parecer um pouco estranho, um pouco fora da realidade do seu segundo filho, mas não concordo. Iris resolvia problemas, não os criava. Estava apenas a ser prática.

## DA CATEDRAL PARA O TEMPLO

*Once we are born, we begin to forget  
The very reason we came  
But you I'm sure I've met  
Long before the night the stars went out  
We're meeting up again.*

Em setembro de 1972, eu tinha doze anos e era o meu primeiro ano na Mount Temple. A escola básica da Catedral de Saint Patrick foi uma má experiência tanto para mim como para a escola. A gota de água foi com uma professora de Espanhol, conhecida como Bidy, que, tinha quase a certeza, riscava a vermelho os meus trabalhos de casa sem sequer os ler. Sentia-me vítima de perseguição, mas, o que começou como uma brincadeira, transformou-me num agressor. Quando fazia bom tempo, Bidy tirava o almoço do seu *Tupperware* transparente e sentava-se num banco do parque, à sombra da imponente Catedral de Saint Patrick, a maior do país. Os alunos não estavam autorizados a ir para o parque na hora de almoço, mas um dia arranjei maneira de saltar o gradeamento e, com a ajuda de dois cúmplices, atirei-lhe merda de cão para a lancheira. Era uma vingança por ela desprezar o nosso trabalho. É provável que lhe tenha chegado alguma ao cabelo, o que foi muito mau. Sem surpresa, no final do período Bidy queria este merdolas longe do seu cabelo, pelo que me foi sugerido que seria mais feliz noutra lugar. Ingressei na escola secundária de Mount Temple.

A Mount Temple foi uma libertação.

Uma experiência não denominacional e mista, notável para aquela época na Irlanda conservadora. Em vez da turma A, turma B e turma C, as turmas dos seis primeiros anos eram D, U, B, L, I e N. Aí, éramos encorajados a sermos nós próprios, criativos, a vestir a nossa roupa. E havia raparigas. Que também vestiam a sua própria roupa.

A dificuldade eram os dois autocarros que tinha de apanhar para lá chegar, a longa viagem no centro da cidade do lado nordeste e depois para nordeste. A menos que se fosse de bicicleta, o que eu e o meu amigo Reggie Manuel começámos a fazer. Foi numa ladeira sem fim de uma colina que aprendemos a pendurar-nos na carrinha do leiteiro, e não tenho a certeza se alguma vez voltei a sentir-me tão livre como naqueles dias em que pedalava com Reggie até à escola. Se o tempo não nos permitisse fazer o percurso de bicicleta e nos obrigava à estafa dos dois

autocarros, compensávamos à sexta-feira com uma ida ao centro da cidade depois das aulas e a possibilidade de visitar a discoteca Dolphin Discs na Talbot Street. A oportunidade de olhar demoradamente para as capas de álbuns como *Raw Power*, dos Stooges, ou *Ziggy Stardust* de David Bowie.

#### OS HOMENS E MULHERES QUE CAÍRAM POR TERRA

A única razão por que não estava na Dolphin Discs às cinco e meia do dia 17 de maio de 1974, foi porque uma greve dos autocarros nos obrigou a ir de bicicleta para a escola. Já tínhamos chegado a casa quando um carro-bomba estacionado na Talbot Street provocou uma explosão nas ruas em volta da Dolphin Discs, outro explodiu na Parnell Street e outro na South Leinster Street, tudo numa questão de minutos, um ataque coordenado por um grupo extremista leal ao Ulster que queria que o Sul soubesse o que era o terrorismo. Uma quarta explosão ocorreu em Monaghan, fazendo trinta e três mortos, incluindo uma jovem grávida, toda a família O'Brien e uma mulher francesa cuja família tinha sobrevivido ao Holocausto.

Nesse dia não finteí uma bala; finteí um massacre. Andrew Rowen, de onze anos, irmão de Guggi, que tinha a alcunha de Guck Pants Delaney, não conseguiu fazer o mesmo. Ele e o pai, Robbie Rowen, tinham estacionado em Parnell Street e estavam dentro do carro quando se deu a explosão. O pai trancou-o na carrinha da família para ir tentar resgatar pessoas dos escombros. Andrew observou, horrorizado, os cadáveres desmembrados e sem propósito que jaziam à sua volta. Anos mais tarde, liguei-lhe a perguntar se não se importava que eu escrevesse uma canção, «Raised by Wolves», acerca desse dia. Dá-me um minuto, disse ele, e quando voltou a falar disse-me que tinha consigo um estilhaço do primeiro carro-bomba. Durante quarenta anos guardou um pequeno pedaço da bomba como prova do trauma que lhe roubara uma parte de si. Palavras dele. Aos quinze anos encheu as capas dos jornais por ter morto a tiro um assaltante que arrombou uma loja de bicicletas que ele tinha a seu cargo. Aos vinte, era viciado heroína e vivia nas ruas de Londres. A nossa canção «Bad» é sobre Andrew.

O Dalai Lama diz que só podemos começar a meditar seriamente na vida meditando na morte. Parece um bocado gótico, mas tem um fundo

de verdade. A finitude e a infinitude são os dois polos da experiência humana. Tudo o que fazemos, pensamos, sentimos, imaginamos ou discutimos depende da noção que temos da nossa morte como fim de tudo ou o princípio de outra coisa. É preciso muita fé para não ter fé. Muita força de carácter para resistir aos textos antigos que sugerem que há uma vida após a morte.

Aos catorze anos, nada disto era abstrato.

#### SEQUÊNCIA DE UM SONHO ACORDADO

Faço catorze anos segunda-feira, 9 de setembro de 1974. O meu pai carrega a minha mãe nos braços por entre uma multidão que se divide em dois como a bola branca do bilhar quando acerta no triângulo colorido. Corre a levá-la ao hospital. Ela desmaiou ao lado da campa onde o pai estava a ser sepultado.

— *A Iris desmaiou. A Iris desmaiou.*

As minhas tias, os meus primos. As suas vozes sopram como uma brisa através das folhas.

— Ela vai ficar bem, ela vai ficar bem. Foi só um desmaio.

Ela ela ela... sussurros ao vento... des des des desmaiou... Irissss desmaiouuuuu. Antes que eu, ou outra pessoa, tivesse tempo de pensar ou piscar os olhos, o meu pai deitou Iris no banco de trás do *Hillman Avenger*, e ao volante foi Norman, porque os seus vinte e um anos já lhe permitiam conduzir o carro de fuga. Mas não havia maneira de fugir à tragédia naquele dia. Fiquei com os meus primos para me despedir do avô, e depois voltámos para casa da minha avó, o n.º 8 da Copper Street, cuja pequena cozinha é uma fábrica que produz sanduíches, biscoitos e chá.

A casa de dois andares com uma casa de banho no exterior parecia albergar milhares de pessoas e, como que por milagre, havia comida para todas.

Apenas três noites antes, o meu avô dançou e cantou o *reel* de Michael Finnegan, no aniversário dos seus cinquenta anos de casado. Divertiu-se tanto que os filhos temiam que acordasse durante a noite e não chegasse a tempo à casa de banho, por isso puseram um balde ao lado da cama. O meu avô abandonou este mundo aos pontapés àquele balde. Sofreu um grave ataque cardíaco na noite do seu aniversário de casamento.

---

Hoje, as irmãs, irmãos e primos da família Rankin vivem apertados nesta pequena casa de tijoleira vermelha e, apesar de ser o funeral do avô e de Iris ter desmaiado, somos crianças e corremos de um lado para o outro, rindo com os primos. Até que uma porta se abre de par em par. Ruth, a irmã mais nova da minha mãe e sua melhor amiga, irrompe sala adentro com o marido, Teddy, que está a chorar.

— *A Iris está a morrer. A Iris está a morrer* — diz ele. — *Teve um derrame.*

O tio Ted começa a gemer, mas todos querem saber o que aconteceu e rodeiam o casal para saber as notícias.

Iris é uma das oito crianças do n.º 8. Tem quatro irmãs — Ruth, Stella, Pat e Olive — e três irmãos: Claude, o mais velho, Alex, o do meio, e Jack, que é casado com Barbara, um casal que se tornou a minha outra família próxima, com quem partilhamos uma caravana nas férias. Jack e Barbara abraçam-se a Ruth e Teddy. Olho para Barbara, que há de substituir a minha mãe em muitos aspetos, e vejo o peso da sua dor. É como se a força da gravidade duplicasse.

Barbara tenta manter-se de pé. Ruth, a mais próxima da minha mãe em idade e muitas outras coisas, assume de imediato a responsabilidade da mais velha e começa a organizar-se.

Tudo isto acontece no momento em que alguém se apercebe de que eu, o filho mais novo de Iris, também estou ali. Talvez não devesse ouvir as notícias daquela maneira, naquele momento. Mas ouço. Tenho catorze anos e estou estranhamente calmo. Digo às irmãs e aos irmãos da minha mãe que vai ficar tudo bem. Mas não está tudo bem. E não vai ficar tudo bem.

Tudo será diferente.

Três dias mais tarde, Norman e eu somos levados ao hospital para nos despedirmos da minha mãe. Ela está viva, mas por pouco. O clérigo local, Sidney Laing, cuja filha é minha namorada, está lá. Ruth ficou no corredor, a chorar. E Barbara. E o meu pai, cujos olhos parecem ter menos vida do que a minha mãe. Norman e eu entramos na sala dos cuidados intensivos em guerra com o universo, mas Iris parece serena. É difícil compreender que grande parte dela já partiu. Lembram-me que com uma fé do tamanho de um grão de mostarda é possível mover montanhas. Mas esta montanha é a mortalidade da minha mãe, e não se move. Pegamos na mão dela e despedimo-nos. Há um som de clique,



mas não o ouvimos. O som de um interruptor. A máquina que mantém Iris quente é desligada. Eletricidade. O torvelinho da vida. Foi-se.

*The stars are bright but do they know  
The universe is beautiful but cold.*

Por vezes sinto-me um filho sem mãe. O que acontece com a perda da mãe? Será que algo dentro da criança sente que a mãe decidiu abandoná-la?

O abandono é, provavelmente, a raiz da paranoia. John Lennon, Paul McCartney, Bob Geldof, John Lydon, tantas estrelas do *rock* que perderam a mãe muito cedo. Isto deve querer dizer qualquer coisa. Um amigo fala-me de um abandono semelhante no *hip hop*. O abandono do pai, no caso.

#### VERSOS DE CANÇÕES: DE IRIS A ALI

Grandes sons de bateria, grandes temas, grandes emoções. Sempre adorei a grande música. As canções são as minhas orações. As canções são também o lugar onde moro, e quando vivemos dentro das nossas canções é preciso certificarmo-nos de que existe espaço suficiente. O tamanho da canção é importante. A vida sentimental do músico tem de caber dentro dela, e muitas das emoções que não conseguia expressar quando era jovem e vivia no n.º 10 da Cedarwood Road, desde então encontraram expressão nas canções dos U2.

Essas canções tornaram-se a minha casa.

Ao escrever a canção «Iris», dei por mim a deixar de cantar sobre a minha mãe para passar a cantar sobre Ali, o que é compreensível mas imperdoável. Um homem nunca deve fazer da amada sua mãe. É um estratagema em que uma rapariga mais afável pode cair, e um rapaz egoísta explorar, mas foi o que aconteceu na altura. Estava a cantar para Iris e, de repente, já não estava.

*You took me by the hand  
I thought that I was leading you  
But it was you made me your man  
Machine  
I dream*

*Where you are  
Iris standing in the hall  
She tells me I can do it all.*

*The Man-Machine* dos Kraftwerk foi o primeiro presente que comprei para Ali, que me parecia ouvir quase em exclusivo os *crooners* da coleção de discos do pai. Eu não o sabia, mas Ali tornou-se a pessoa que acreditaria em mim, agora que a minha mãe já não o podia fazer. Não o sabia, mas anos mais tarde, quando o meu pai morreu, Ali explicar-me-ia que, de alguma forma, eu culpava-o pela morte de Iris e que essa era a raiz da raiva que guardava dentro de mim, a raiva que ainda me consegue dominar.

*Iris playing on the strand  
She buries the boy beneath the sand,  
Iris says that I will be the death of her  
It was not me.*

A raiva que é o *rock 'n' roll*.

Toda a raiva que nos afasta da página e nos leva para o palco. Todas as noites cantamos para ela e através dela.

Eu não a matei; tu mataste-a, ignorando-a.

Não hás de ignorar-me!

Iris.

Já não cantamos a música; a música canta-nos.

A viagem para longe da autoconsciência é a viagem mais importante para qualquer artista; e é a mais difícil. Mas quando é bem feita, o palco torna-se o lugar onde nos sentimos em casa, onde, de um modo estranho, somos completamente nós.

Yeats sabia-o.

*Oh corpo balançado ao som da música, oh olhar luminoso  
Como podemos distinguir o dançarino da dança?*

a book of How, who & a bit of Why

~~an~~ memoir a WE memoir  
luminous times with some

luminous lives



confessions of

~~an~~ ~~artist~~, ~~activist~~

~~an~~ actualist

ISBN 9789897846267  
  
9 789897 846267 >